



Olhar para as estrelas: notas sobre o feminino/ masculino na arquitectura

Autor(es): Figueira, Jorge

Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitectura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37202>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8681_1_1

Accessed : 16-May-2017 15:46:52

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



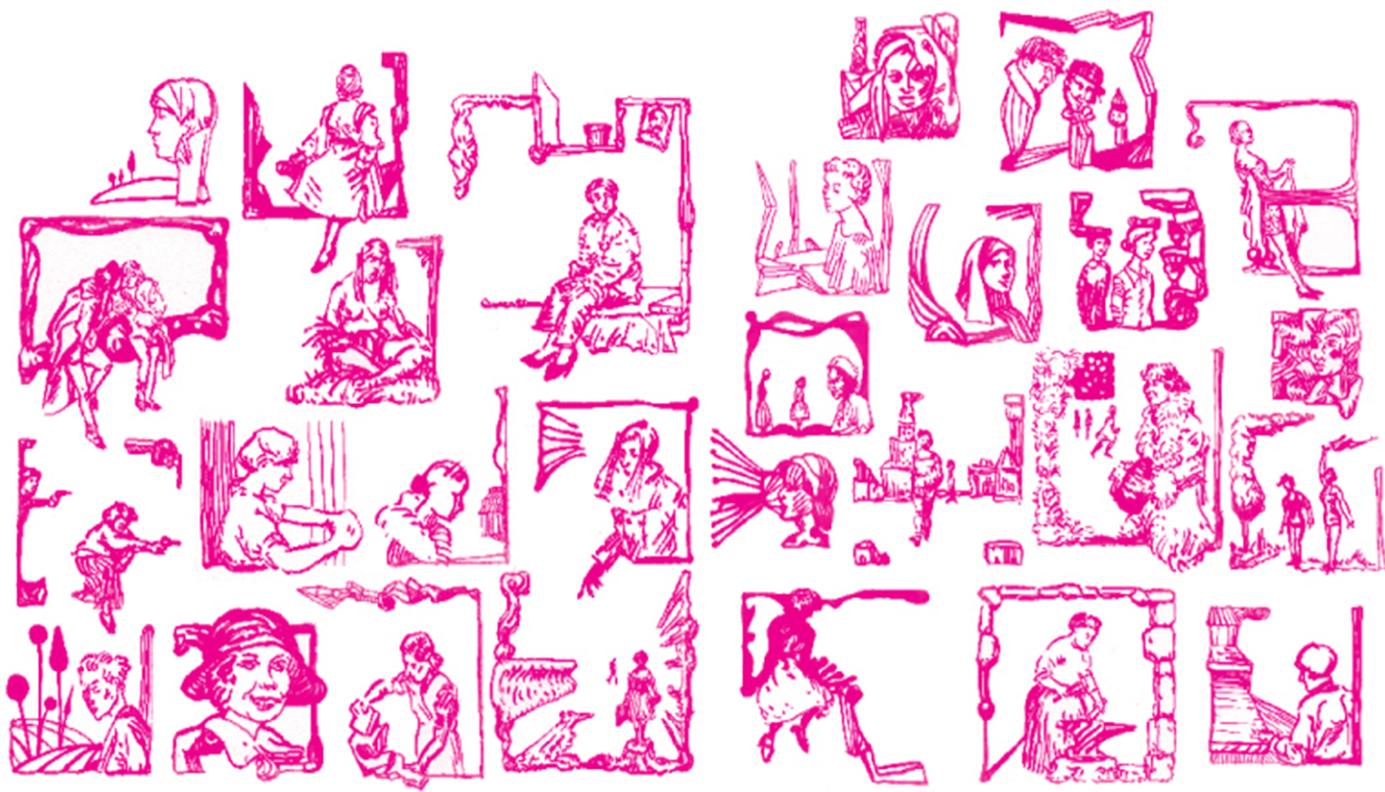
JOELHO

01

MULHERES NA ARQUITECTURA

Jorge Figueira
Coordenação

Silvana Rubino
Carla Lopes
Liliana Carvalho
Joana Bem-Haja
Filipa Cabrita
Inês Antunes
Telma Silva



Olhar para as Estrelas

Notas sobre o feminino/masculino na arquitetura

Jorge Figueira

1

Chama-se *Mad Men* (de *Madison Avenue Men*), mas é uma série televisiva que retrata magnificamente a condição feminina em Nova Iorque, 1960. No mundo destes homens “loucos”, a mulher é rigorosamente tipológica: há a dona de casa, a secretária, e a “vadia”. A secretária é o centro do drama ao balançar entre os outros dois pólos, sem destino aparente. A mulher emancipada surge marginalmente na figura da “artista”, uma personagem exótica, possuída por forças malignas.

Para as novas gerações, e para nós próprios, este cenário é distante. Mas em meados dos anos 1950, no curso de arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto, comentava-se que as mulheres não podiam ir às obras, porque teriam que ir de calças; e as mulheres não usavam calças. Numa reunião de professores, já nos anos 1960, Viana de Lima declarava, a propósito de uma nova contratação: “se querem sarilhos, metam mulheres”.

A parte das calças é anacrónica. A parte dos “sarilhos” pode ser apreciada. Hoje não se pode dizer, é claro. Mas faz sentido que um modernista de filiação *corbusiana* o diga. Há, aliás, um certo afecto no modo como se

preluciam estes “sarilhos” que se avizinham. Com as mulheres chegavam os problemas. Principalmente porque perturbavam aqueles que os homens tinham criado, organizado, e construído cidades à volta.

Estamos exactamente no ponto, tudo indica, que os “sarilhos” vão começar a ser associados com os homens. É fácil imaginar uma diligente professora em estilo *sci-fi* a declarar, num futuro próximo: “se querem sarilhos, metam homens”. Segundo o *Público*, que cita estudos realizados nos 27 países da União Europeia, os rapazes sofrem de um problema de “atitude” (Viana, 27/01/2010). Os resultados são prosaicos: “o dobro dos chumbos”. É um “calafrio”. A “atitude” que ergueu Roma e Nova Iorque está em crise. “O desafio, a violência e o uso da força” (*Idem*) são agora um peso, e um retrocesso. A rebeldia denota falta de concentração; a violência é afinal uma certa forma de alheamento.

2

O processo de emancipação das mulheres é notório nas últimas décadas. O feminismo, que é o seu braço mais político ou armado, é, no entanto, mal tolerado (Ferreira, 1988; Barbosa, 2006). Em Portugal é um tema marginal, e a sua relação com a arquitectura ainda não foi tratada. Em parte, isso terá a ver com o facto de, como diz Camille Paglia, na sua desconstrução impiedosa do feminismo, este se dar mal com a questão da “beleza” (Paglia, 1992: 285; Paglia, 1997: 169-172). De qualquer modo, por cá os *ismos* não colam. Somos superiores à sua força simplificadora; estamos atrás fingindo que estamos à frente. Os *ismos* são importações, já teorizadas e embaladas, que não vamos perturbar com o nosso pensamento. (Daí existir um Partido Comunista pujante no nosso país).

O feminismo surge, no entanto, mesmo no contexto internacional, como um movimento perturbador e radical: é “uma palavra impopular”, evocando “a *man-hater* e a *lésbica*” (Coleman, 1996: x). A partir dos anos 1980, no contexto da pós-modernidade, o feminismo entra em crise como nos explica Virgínia Ferreira (*Op.Cit.*). Assiste-se, no entanto, a uma emergência de “estudos culturais” que implicarão o processo de emancipação da mulher também

no campo artístico. A presença da mulher na Universidade e no meio da arquitectura tem como consequência a produção de numerosos estudos como alguns que se citam neste texto.

Analisando o tema na área da filosofia, Maria Luísa Ribeiro Ferreira escreve que a “aliança entre o racional e o masculino tem uma longa história” (Ferreira, *Op.Cit:* 19) e que, mesmo na época moderna, a mulher é relegada para o “plano dos afectos” (*Idem:* 20). Estas categorias tem uma ressonância particular se analisadas à luz de um “feminismo liberal” versus um “feminismo radical” (*Idem:* 22). A causa do feminismo liberal - a promoção de igualdade entre os homens e as mulheres - será cada vez mais pacífica. No plano artístico, a ideia de um feminismo radical - que coloca a questão da superação do modelo de masculinidade dominante - cria problemas interessantes, desde logo, para a arquitectura. A diferença entre a abordagem liberal e a radical é decisiva: se a mulher é igual ao homem caminha-se no sentido de uma “paridade”. Se é diferente, o modelo masculino pode ser superado; isto é, a “racionalidade” pode ser subvertida. Na arquitectura, este processo significa a introdução de uma afectividade ou espacialidade feminina contra a “racionalidade masculina” (Boys, 1996: 37-41), como veremos.

3

O Movimento Moderno é, na história da arquitectura do século XX, o apogeu da “racionalidade masculina”. Como escreve Beatriz Colomina, “a figura da modernidade para Loos, como para a maior parte dos escritores da modernidade, é enfaticamente masculina” (Colomina, 2000: 37). Embora tenha aberto algum espaço, como acontece na Bauhaus, à emancipação da mulher (Ackermann, 2000). A emergência de figuras como Margarete Schütte-Lihotzky e a “Nova mulher de Weimar” (Henderson, 1996: 221-253) insinuam-se no espaço “guerreiro” e hiper-machista que Marinetti e o Futurismo italiano instituem. Como afirma Judi Bradley, “a própria fisicalidade da produção mecânica estava ligada à masculinidade” (Bradley, 1996: 54).

A partir dos anos 1950, Alison e Peter Smithson, e depois Denise Scott Brown e Robert Venturi, introduzem um novo realismo e uma abordagem mais tentativa ou modesta. Aquilo que Mary Mcleod descreve como uma atenção ao “outro” contido na vida do dia-a-dia. Não tanto a partir de uma transgressão vanguardista mas de “uma intensificação do quotidiano” (Mcleod, 1996: 15-20). Uma não-heroicidade. Ou, se se quiser: uma não-masculinidade. Não por acaso, há duas mulheres em jogo. A informalidade do espaço do

“recreio” que é central na cultura do Team 10, pressupõe afecto e sociabilidade, em vez de “racionalidade”. O “inclusivismo”, o “um e o outro”, a “ambiguidade” contra a afirmação peremptória - que Venturi teoriza -, traduzem um abrandar da ansiedade masculina de protagonismo e performance. O “anti-herói” aproxima-se de um modelo de feminidade. Ou, pelo menos, afasta-se do estereótipo de masculinidade. Da figura do arquitecto temerário fixado por Howard Roark, em *The Fountainhead* (1949) passamos para a Casa da Mãe (1962), de Venturi.

Desde os anos 1960, a cultura arquitectónica distancia-se de temas universais, focados no “Homem”. Como escreve Mary Mcleod, o “outro” ou a “alteridade” são preocupações centrais na teoria da arquitectura contemporânea (*Idem*: 2). Nesse sentido, dir-se-ia que o trabalho de Colomina é uma rescrita da história da arquitectura moderna na perspectiva do “rei vai nu”. A criança denuncia a impostura do tecido que só os inteligentes poderiam ver; a arquitecta-feminista explica porque é que o “Homem moderno” vai nu. A arquitectura moderna é um *discurso* de manipulação - masculina, é claro: o fetichismo, o truque fotográfico e a lógica publicitária contaminam e subvertem a figura do herói moderno (Colomina, *Op.Cit.*).

No artigo citado do *Público* é dito que “estudos neurológicos têm demonstrado que as raparigas têm mais apetência para a comunicação verbal” e os rapazes “para tarefas visuo-espaciais.” (Viana, *Op.Cit.*). Quando Colomina propõe que “abandonemos o pensamento tradicional da arquitectura como objecto” e passemos a considera-la “como sistema de representações do mesmo modo que pensamos os desenhos, fotografias, maquetes, filmes e o cinema” (Colomina, 1992: x), cria condições para uma leitura feminista da história do moderno. Se o objecto é, ele próprio, “um sistema de representação”, a arquitectura é um *discurso* que as mulheres estão mais preparadas e estimuladas para “desconstruir”.

4

Ao afirmar que “a construção é uma sublime poesia masculina”, Camille Paglia faz da arquitectura uma coisa de homens (Paglia, 2007: 50). Se “a arte é o melhor que o homem consegue para imitar a majestosa autonomia feminina” (*Idem*: 41), a arquitectura é o *tour de force* masculino por excelência. Mas perante a notória exclamação de que “se a civilização tivesse sido deixada nas mãos da mulher, ainda viveríamos em cabanas” (*Idem*: 50), há quem pense sobre como é que seriam essas cabanas: que forma podem ter; e se ainda se vai a tempo (Bloomer, 1996). Existirá uma espacialidade feminina que introduza um paradigma alternativo ao da “racionalidade masculina”? Algumas hipóteses de uma arquitectura feminista têm sido levantadas. Em “The Knowledge of the Body and the Presence of History - Toward a Feminist Architecture”, Deborah Fausch critica a tradição cartesiana da arquitectura centrada na “mente” em favor de uma arquitectura centrada no “corpo”. “O corpóreo é feminista (...). Se o feminino é corpóreo, tem corpo, isso não o impede de abranger também a razão” (Fausch, 1996: 39). Em “Cherchez la femme: Where are the women in architectural studies?”, Diane Ghirardo denuncia o “sexismo” na formação em arquitectura, e

anuncia uma abordagem historiográfica que pretende “situar as mulheres, os seus espaços e os seus papéis na formação das cidades, na linha da frente, e não somente quando as mulheres eram projectistas” (Ghirardo, 1996: 158-159). Em “Challenging the masculinist structures of architectural knowledge”, Jos Boys pretende superar o modelo masculino que descreve desdobrado em dois campos: o comprometido com questões “sociais e políticas” e o que elabora em “sofisticadas explorações formais” (Boys, *Op.Cit.*: 44). Boys quer “desemaranhar as limitações da racionalidade masculina”, no sentido da criação de uma prática de projecto, em simultâneo, “socialmente responsável” e centrada no “*prazer da forma*” (*Idem*: 45).

A propósito do projecto de uma escola em Cabo Verde, no âmbito da exposição “Cinco Áfricas, Cinco Escolas” (2009), é interessante que Inês Lobo afirme sentir que nesse contexto a arquitectura não é necessária. Dir-se-ia tratar-se de uma abordagem feminista, já que não pensa em termos de marcação fundacional do território ou na construção de símbolos que a “racionalidade masculina” sempre esboçou. E, de facto, o projecto que apresenta não contém nenhuma destas premissas: é um conjunto sedutor de cabanas.

5

Se “os homens coligados inventaram a cultura como forma de defesa contra a natureza feminina” (Paglia, 2007: 22) e se a arquitectura é, talvez mais do que qualquer outra forma de arte, uma emanção do desejo de superação do homem, onde é que a mulher entra na história? E o que acontece quando a mulher verbaliza ou constrói essa história?

Não há a ansiedade do original no contexto feminino. Pelo contrário, a rescrita, a reinstalação e o regresso podem ser vistos como uma contribuição feminina que alimenta - ou, de facto, cria - a nossa contemporaneidade. Não uma cultura de tipo “novo”, mas uma reinscrição da “racionalidade masculina”, um *reboot* da velha máquina. É isso que Zaha Hadid faz com o construtivismo russo, na prática; ou Beatriz Colomina com Le Corbusier, na teoria. Uma arqueologia da afirmação “masculina”; a “desconstrução” dos seus gestos e falas ao longo da história.

Por isso se sente que não haverá mais “grandes mestres da arquitectura” ou “grandes políticos”. (Obama é *self-deprecating*, já não é um “grande político” no sentido tradicional). O grande e o monumental tendem a ser substituídos pelo doméstico e pelo ubíquo. E há uma curva hoje: um certo cansaço nos homens, um certo abrandamento.

O político vulgar, o arquitecto corrupto. Há um lugar vago para quem demonstrar maior concentração, isto é, menor rebeldia. *Post-Mad Men*: as secretárias são afinal quem manda; as donas de casa estão afinal desesperadas; e Madonna é “a verdadeira feminista” (Paglia, 1992: 4). A mulher pode afinal cumprir todos os papéis, com vantagem. Utilizando plenamente a sua capacidade de “abstracção”, os homens estão distraídos a olhar para as estrelas.

Bibliografia citada

- Ackermann, Ute, “Conceptos corporales de la modernidad en la Bauhaus” in Fiedler, Jeannine; Feierabend, Peter (Ed.), *Bauhaus*, Könnemann, [1999], 2000, p. 88 - 107.
- Barbosa, Madalena, “Feminismo e...” [2006] in *Que força é essa*, Lisboa: Sextante Editora, 2008, p. 90 - 98.
- Bloomer, Jennifer, “The Matter of Cutting Edge” in Rüedi, Katerina; Wigglesworth, Sarah; McCorquodale, Duncan (Editors), *Desiring Practices. Architecture, Gender and the Interdisciplinary*, London: Black Dog Publishing, Limited, 1996, p. 10 - 31.
- Boys, Jos, “Neutral Gazes And Knowable Objects. Challenging the masculinist structures of architectural knowledge” in Rüedi, Katerina; Wigglesworth, Sarah; McCorquodale, Duncan (Editors), *Desiring Practices. Architecture, Gender and the Interdisciplinary*, London: Black Dog Publishing, Limited, 1996, p. 33 - 45.
- Bradley, Judy Farren, *Architecture and Obstetrics: Buildings as Babies*, in Rüedi, Katerina; Wigglesworth, Sarah; McCorquodale, Duncan (Editors), *Desiring Practices. Architecture, Gender and the Interdisciplinary*, London: Black Dog Publishing, Limited, 1996, p. 46 - 59.
- Colomina, Beatriz (Editor), *Sexuality & Space*, Princeton, New Jersey, Princeton Papers on Architecture, Princeton University School of Architecture, Princeton Architectural Press, 1992.
- Colomina, Beatriz, *Privacy and Publicity. Modern Architecture as Mass Media*, Cambridge, Massachusetts; London England: The MIT Press, 2000
Coleman, Debra, “Introduction” in Coleman, Debra; Danze Elizabeth; Henderson, Carol, (Editors), *Architecture and Feminism*, New York: Princeton Architectural Press, 1996, p.ix-xvi.
- Coleman, Debra, “Introduction” in Coleman, Debra; Danze Elizabeth; Henderson, Carol, (Editors), *Architecture and Feminism*, New York: Princeton Architectural Press, 1996, p.ix-xvi.
- Fausch, Deborah, “The Knowledge of the Body and the Presence of History – Toward a Feminist Architecture” in Coleman, Debra; Danze Elizabeth; Henderson, Carol, (Editors), *Architecture and Feminism*, New York: Princeton Architectural Press, 1996, p. 38 - 59.
- Ferreira, Maria Luísa Ribeiro, *As mulheres na filosofia*, Lisboa: Edições Colibri, Fórum de Ideias, 2009.
- Ferreira, Virgínia, “O feminismo na pós-modernidade”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº24, Março 1988, p. 93 - 106.
- Ghirardo, Diane, “Cherchez la femme: Where are the women in architectural studies?” in Rüedi, Katerina; Wigglesworth, Sarah; McCorquodale, Duncan (Editors), *Desiring Practices. Architecture, Gender and the Interdisciplinary*, London: Black Dog